

## O POETA MÁRIO QUINTANA\*

Ir. Elvo Clemente  
PUCRS

### 1. BIOBIOGRAFIA

Nascido em Alegrete, em 1906, no dia 30 de julho, Mário Quintana comemorou, entre amigos e admiradores, três quartos de século de existência. Aos seis anos lê português, no *Correio do Povo*, e as letras francesas em versos de Verlaine. Desde cedo é influenciado pelas letras e pela poesia... Realiza o Curso Primário, de 1915 a 1918, com o mestre português Antônio Cabral Beirão, daí o senso de pureza lingüística.

Ingressa em 1919 como aluno interno do Colégio Militar — de Porto Alegre — onde permanece até fins de 1923. Destacam-se entre os colegas e amigos: Carlos Dante Penna de Moraes e Darcy Azambuja.

De 1924 a 26 encontramos-lo no trabalho da farmácia com o pai, em Alegrete. Em 1926 volta a Porto Alegre e emprega-se na Livraria do Globo, trabalha com Mansueto Bernardi na seção de Literatura Estrangeira. Estréia nas letras — com o prêmio do *Diário de Notícias* — com o conto "A Sétima Pessoa".

Trabalha, em 1929 e 1931, na redação de *O Estado do Rio Grande*, sob a direção de Raul Pilla, sendo que, em 1930, colabora com a *Revista do Globo*.

Entusiasmado pelos ideais revolucionários alista-se como voluntário no 7º Batalhão de Caçadores. Vai até o Rio de Janeiro, onde se demora por seis meses.

\* Conferência proferida em 21/8/1981 por ocasião do encerramento da minifeira promovida pelo Dep. de Letras da Fac. de Filosofia, Ciências e Letras de Uruguaiana-RS.

\*\* Abreviaturas que aparecem no texto: P = Poesias; E. T. = Escondidos do tempo; V. H. = A vaca e o hipogrifo; C. H. = Caderno H; P. V. = Prosa e verso; V. E. = Na volta da esquiua.

É, em 1934, que entra para a tarefa árdua de tradução de obras literárias. *Palavra e sangue* de Giovanni Papini — que neste ano está celebrando o centenário de nascimento — é a sua primeira tradução publicada pela Editora Globo. Porém é a partir de 1936 que começa a traduzir, efetivamente, para a Editora Globo: Sommerset Maughan, Maupassant, Proust, Voltaire, Virginia Woolf, Rosemand Lehmann, Lyn Yutang, Merimée e outros.

Seu livro de estréia em versos, *Rua dos cataventos*, aparece em 1940.

Dá início ao *Caderno H*, na Revista *Provincia* de São Pedro, em 1945.

Publica, em 1946, *Canções*, seu novo livro de poemas. Em 1948, começa a trajetória infantil com *Batalhão de letras*, ilustrado por Edgar Koetz. E, em 1950, aparece *O aprendiz de feiticeiro* — livro de grande repercussão entre os poetas — merecendo os melhores elogios de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Augusto Meyer, que definiu e classificou Mário Quintana como "o maior poeta moderno do Rio Grande do Sul".

Vem à luz, em 1951, *O espelho mágico*, quartetos publicados na revista alegretense *Ibirapuitã* e elogiados por Monteiro Lobato. O ano de 1953 marca o ingresso do poeta no *Correio do Povo* e o reinício da publicação do *Caderno H*, no Suplemento Literário e, hoje, em *Letras & Livros*.

Em 1961 lança, pela Globo, *Poesias*, com boa parte da produção já publicada em livros. Pela Editora do Autor, com seleção de Rubem Braga, em 1966 é lançada a *Antologia poética*. No dia 25 de agosto o poeta sessentão é homenageado em sessão solene e saudado pelos poetas Manuel Bandeira e Augusto Meyer.

O *Caderno H* — seleção de textos, elaborada pelo autor — aparece em 1973. No dia 13 de junho de 1975, o poeta passa cinco horas autografando 900 exemplares de *Pé de pilão*, ilustrado por Edgar Koetz, lançamento da Editora Garatuja, notável obra para crianças.

Surge, em 1976, *Apontamentos de história sobrenatural*. E neste mesmo ano aparecem, em edição especial, *Quintanares*. Em 1977 publica *Vaca e o hipogrifo*. Através da Editora Globo, em 1978, publica *Prosa e verso*, compilação do autor.

A segunda antologia, sob o título **Na volta da esquina**, é publicada, em 1979, pela Editora Globo/RBS. E, em 1980, surge **Esconderijos do tempo**, editada pela L&PM e ilustrada por Vitorino Gheno, poemas de intenso lirismo, que mostram um poeta bem diverso.

## 2. VISÃO CRÍTICA DA OBRA

Ao saudar Mário Quintana, por ocasião da grande homenagem, o eminente escritor Cyro Martins apresentou em poucas palavras uma visão crítica da obra do Poeta.

Aqui retomo alguns tópicos que me parecem mais pertinentes ao estudo que me proponho realizar. Ressalta Cyro Martins que "A poesia de Mário Quintana se distingue por ser essencialmente reveladora do lado oculto das coisas e das sombras das palavras e dos gestos humanos. Reveladora do indevassável para os olhos do comum dos mortais, mas sem arrojados nem veemências que choquem o leitor". E na peroração do referido discurso:

"Alguns tentarão ignorar as peculiaridades essenciais (desta obra), tais como a lucidez de sua linguagem, o gosto do pitoresco, o sentido do humor, o tempero irônico no trato em profundidade do pensamento humano ao longo dos séculos. Ele não é nem pretendeu jamais ser um autor difícil.

Outro fato relevante é o sentido de continuidade de sua obra, na qual jamais o falso e o sofisticado tiveram lugar.

Admiramos sua profunda sutileza de intenções estéticas, sustentadas por uma base de simplicidade de forma e conteúdo que constitui a fórmula universal da sabedoria não conceitual nos poetas, por certo, mas impregnada do poder sedutor da magia" (**Correio do Povo**, Letras & Livros, 8/8/81, p. 8).

A longa citação servirá de guia ao estudo que será desenvolvido, atingindo os itens um por um, aqui apontados. Será feito um exame rápido da obra de Quintana explicitando e exemplificando as qualidades apresentadas por Cyro Martins, que se revela crítico literário de rara sensibilidade e objetividade.

### 2.1. A lucidez da linguagem

Mário Quintana escreve de maneira transparente, clara e concisa. Difícilmente um poeta ou cronista tem o manuseio da língua de forma mais lúcida e atraente.

Ao mesmo tempo que percebemos o ritmo, apreciamos a clareza do 1º quarteto do II soneto de **A rua dos cataventos**:

Dorme, ruazinha... É tudo escuro...  
E os meus passos, quem é que pode ouvi-los?  
Dorme o teu sono sossegado e puro,  
Com teus lâmpões, com teus  
jardins tranquilos... (P., p. 3)

No soneto VI do mesmo livro destacamos outro quarteto diáfano e pleno de clareza:

Na minha rua há um menininho doente.  
Enquanto os outros partem para a escola,  
Junto à janela, sonhadamente,  
Ele ouve o sapateiro bater sola (P., p. 6)

Tudo é descritivo, luminoso, simples e suave, quase coloquial. Os versos deslizam como água do regato com leves e ligeiros murmúrios.

Em **Canções**, a singeleza da língua marca a profundidade do tema como na "Canção do dia de sempre:

Tão bom viver dia a dia...  
A vida, assim, jamais cansa...  
Viver tão só de momentos  
Como essas nuvens do céu... (P., p. 44-5)

As reticências que marcam os versos acentuam o deslizar suave e lento dos minutos do tempo que se escoia lícido e tranqüilo.

A língua apresenta a luz da mensagem envolta no véu do imprevisto e do lícido, como vemos em "Comunhão", de **Sapato florido**:

"Os verdadeiros poetas não lêem os outros poetas. Os verdadeiros poetas lêem os pequenos anúncios dos jornais" (p. 17).

Ao falar "Da humilde verdade", em **Sapato florido**, joga uma definição que mais parece indefinição:

"O cotidiano é o incógnito do mistério" (P., p. 81).

Outra definição jocosa é a "Triste mastigação":

"As reflexões dos velhos são amargas como azeitonas." (P., p. 96)

Assim poderíamos continuar a apreciar a lucidez da língua do poeta em seus livros, em seus versos ou em seus textos de prosa. Vejamos como trata do estilo, "Espelho Mágico III":

Fere de leve a frase... E esquece... Nada  
Convém que se repita...  
Só em linguagem amorosa agrada  
A mesma coisa cem mil vezes dita (P., p. 109).

E para concluir este bosquejo sobre a lucidez, trazemos de **Esconderijos do tempo**, uma estrofe de "O Poeta canta a si mesmo":

"O poeta canta a si mesmo / porque num seu único verso  
/ pende — lúcida, amarga — / uma gota fugida a esse mar  
incessante do tempo... (E. T., p. 117).

Outros exemplos poderiam ser tomados dos textos e dos poemas dos livros de Mário Quintana que ilustrariam a constatação da lucidez e simplicidade da linguagem poética.

## 2.2. O sentido do "humour" e tempero irônico

Afrânio Peixoto, em seu ensaio "Humour" (1936, p. 39), estuda o humour e a ironia começando por esta frase:

"Bergson conseguiu, talvez, a ironia e o "humour" descrevê-los a contento... dos que se contentam facilmente. Enuncia-se o que deveria ser, fingindo crer que o é, precisamente o que é, afetando crer as coisas que assim deveriam ser: é o "humour".

O citado autor coloca que Pirandello apresenta a distinção entre o cômico e o humourismo: sendo ambos provindos de senso contrário, o cômico é apenas uma superficial e externa **noção do contrário**, enquanto o humourismo é um profundo e íntimo **sentimento do contrário**.

Afrânio Peixoto resume os conceitos de ironia e de "humour" como as duas feições intelectuais do riso. Vem a ironia aos imaginativos, pela inteligência desenganada na realidade trivial: o despeito vinga-se pela comparação com os exemplos que a aspiração permite. O "humour" vem aos sensitivos pela mesma inteligência, desenganada na realidade: o ofendido consola-se com a piedade, a resignação, às vezes, da incurável miséria comum. (p. 56)

Mário Quintana escreve sobre ironia e humour em **A vaca e o hipogrifo** (p. 111), nestes termos:

"A ironia tem algo de desumano. Ainda mais com aquele ar de superioridade, mesmo que se trate de um Eça, cujo estilo o salvou. E quando d'igo estilo quero dizer o homem. Em Ana-

tole France, nem isso: sua prosa era pastiche dos clássicos; seu ceticismo, uma atitude. Tudo porque acabo de descobrir no diário de Jules Renard esta frase tão humana: "Só se tem o direito de rir das lágrimas dos outros depois que já se chorou." Isto, agora, não é ironia: é humor. Na biografia de Rivarol: "A ironia é o espírito à custa dos outros; o humor é o espírito à custa própria".

Com esses conceitos, temos uma visão do significado de ironia e humour. A obra de Quintana está toda repleta de ironia e de humour.

Reconhece o Poeta a força do Mestre das Memórias Póstumas na prática do humour:

"Não sei que crítico notou que os grandes humoristas escrevem clássico. Um exemplo, entre nós: o velho Machado de Assis." (V. H., p. 12). Neste parágrafo fica a ambigüidade de **humoristas**, autores de humour ou humorismos? O humour se esconde temeroso, reservado num risinho entredentes:

"Quando você estiver metido entre grã-finos, é preciso ter muito, muito cuidado: eles são tão primitivos..." (V. H., p. 30).

O poeta num misto de ironia e de humour enaltece a perenidade da poesia com o ano "2005", escrito em 1975:

"Com a decadência da arte da leitura, daqui a 30 anos os nossos romancistas serão reeditados exclusivamente em histórias de quadrinhos..."

A grande consolação é que jamais poderão fazer uma coisa dessas com os poetas.

A poesia é irreduzível. (V. H., p. 32)

O "Bilhete a Heráclito", jocoso e sério, merece ser citado com pontinha fina de humour:

"Tudo deu certo, meu velho Heráclito  
porque eu sempre consigo  
atravessar esse teu outro rio  
com o meu eu eternamente outro..." (V. H., p. 36).

Nesse jogo de humour, o Poeta leva a melhor, pois ri-se de si mesmo e dos outros. O quiproquó estabelecido com os outros salva o autor e desperta o riso...

Com "Gestos", nota-se algo de semelhante, pois enfoca o dia-a-dia das relações humanas na específica economia do conviver:

"A mão que parte o pão  
a mão que semeia  
a mão que recebe  
— Como seria belo tudo isso se  
não fossem, os intermediários! (V. H., p. 90)

No último livro editado, **Esconderijos do tempo**, há menos humor e menos ironia, mais lirismo. Pode-se dizer que onde aparece o lírico, o humor vai-se afastando. Assim mesmo, ao respigar entre os poemas encontram-se alguns bem significativos.

O humor sutil e leve transparece calmo em "Viagem Antiga", que termina pelo quarteto:

"e a gente olhava olhava,  
sem nenhuma pressa  
porque o destino daquelas nossas primeiras viagens  
era sempre o horizonte." (E. T., p. 43)

"Intermezzo" é de uma força fora do comum, pelo tom macabro e vivo com que narra a cena, mista de humor e de exagero dos tons:

"Nem tudo pode estar sumido  
ou consumido...  
Deve — forçosamente — a qualquer instante,  
formar-se, pobre amigo, uma bolha de tempo  
nessa Eternidade... e onde  
— o mesmo barman no mesmo balcão,  
por trás a esplêndida biblioteca de garrafas,  
fonte de nossa colorida erudição — haveremos de  
continuar aquela nossa velha discussão  
sobre tudo e nada até  
que, fartos de tudo e nada,  
desta e da outra vida,  
a rir como uns perdidos,  
a chorar como uns danados,  
beberemos os dois nos crânios um do outro...  
até o teto desabar!  
(Perdão! até a bolha rebentar...)" (E. T., p. 47).

O jogo das imagens choca-se com o jogo das palavras, indo até ao absurdo do humor negro.

No retrato do poeta na idade ingrata, surge novamente pungente a dor do humor, quando tudo parecia resolver-se, tudo se desfaz:

"Só tu soubeste achar-me...  
e te fostel" (E. T., p. 61).

O tempero irônico com a graça leve, ácida ou picante está em todas as iguarias preparadas pelo Poota.

Em "A Construção", os cinco versos seguem-se no ritmo do risinho à flor dos lábios:

"Eles esgueram a torre de Babel  
para escutar o Céu.  
Mas Deus não estava lá!  
Estava ali mesmo, entre eles,  
ajudando a construir a torre." (V. H., p. 41)

Tanto esforço para buscar o que já estava com eles, um suplício de Tântalo dentro de uma interpretação mais cristã... ou menos cristã...

A exigência do poeta vai longe e não se contenta com poemas e textos redigidos com superficialidade e pouca arte e aí temos "Semelhanças & Diferenças":

"Deus criou o mundo e viu que era bom". Desde então nunca faltou um poeta que igualmente criou algo e também viu que era bom. Mas trata-se de poetas medíocres... (V. H., p. 47).

O jogo do passo irônico é um julgamento feroz da humana mediocridade entre os artistas.

É interessante a atitude lúcida do poeta que joga com as palavras e com a percepção das pessoas como se lê, "Na solidão da noite:"

"Os velhos espelhos adoram ficar no escuro das salas desertas. Porque todo o seu problema, que até parece humano, é apenas o seguinte:

— reflexos? ou reflexões?" (C. H., p. 15)

Por um lado, insinua que reflexões é aumentativo de reflexos; por outro lado, opõe uma forma e outra. E aí lança o desafio aos espelhos ou às pessoas.

Em "Uma interrogação moderna", continua o jogo verbal de oposições e de aproximações:

— Mas que quer dizer "interlocutor"?

Eu só conheço os locutores..." (C. H., p. 108)

Assim vai-se percebendo o tempero irônico nos versos e na prosa de Mário Quintana, que mantém o sabor agridoce dos aspectos da existência ou o sabor doce-amargo de viver.

### 2.3. O gosto pelo pitoresco

Outra face da arte poética de Mário Quintana é o gosto pelo pitoresco. Tudo na vida e nas coisas têm as cores que o Poeta sabe distribuir com arte e magia.

A **Vaca e o hipogrifo** é a coleção de muitos escritos de pitoresco invulgar. O próprio título conserva os tons coloridos e um tanto enigmáticos.

Em "Nariz e Narizes", entre uma pitada de sal e um jato de cor vai-se estabelecer o texto:

"O segredo da arte — e o segredo da vida — é seguir o seu próprio nariz.

Não deixes que outros lhe ponham argola.

Sim, e verdade que há narizes tortos, uns para a esquerda, outros para a direita... Não perca tempo, telefone ao Pitanguy.

Um verdadeiro nariz conduz para a frente" (V. H., p. 48).

Não é o nariz que na realidade conduz a pessoa para a frente... Na definição de "Camuflagem" pode-se perceber melhor este colorido:

"A hortências é uma couve-flor pintada de azul". (V. H., p. 120)

O fazer poético para Quintana aparece como algo de muito pitoresco quando descreve o surgimento e o desenvolvimento do poema:

"Meu Deus, que vontade me deu  
de escrever um poeminho...  
Olha, agora mesmo vai passando um!  
Pat pat pat  
vem para cá para que eu te enfie  
na fiavel de meus outros poemas  
vem cá para que eu te entube  
nos comprimidos de minhas obras completas

vem cá para que eu te empoete  
para que eu te enritme  
para que eu te enlire  
para que eu te empégase  
para que eu te enverse  
para que eu te emprose  
vem cá...

Vacal  
Escafedeu-se" (V. H., p. 108).

A imagem surge ao natural no trocadilho da palavra na frase, "Propriedade:"

"Nunca digas que um verso está de pé quebrado: ele está é de asa quebrada" (C. H., p. 35).

Não deixa de ser menos pitoresca a descrição, "Dos grilos:"

"A noite dorme um sono entrecortado, alfinetado de grilos" (C. H., p. 50).

É sobremodo interessante o jogo entre "Alma & Forma:"

"Dizes que a beleza não é nada? Imagina um hipopótamo com alma de anjo... Sim, ele poderá convencer alguém de sua angelitude — mas que trabalheira!" (C. H., p. 52).

Na simplicidade e no inédito está expresso o pitoresco de "Noturno:"

"Atenção! O luar está filmando..." (C. H., p. 95).

E assim o gosto pelo pitoresco está disseminado por inúmeros versos e textos de prosa.

### 2.4. Sentido de continuidade de sua obra, profunda sutileza de intenções estéticas e simplicidade de forma e conteúdo:

A obra de Mário Quintana é a fonte que vai jorrando, que vai atravessando as décadas e os cataclismas históricos para renovar-se em cada novo livro. O poeta vai tranqüilo, sem preocupação de aumentar edições, mas publica sempre. A vasta temática do homem retém o poeta nos seus poemas trabalhados com fino labor. Há um crescimento de esmero nas intenções estéticas.

Há um purificar de imagens, há uma inquietação constante de perfeição.

É bem como escreve em "A poesia é necessária": "O exercício da arte poética é sempre um esforço de auto-superção e, assim, o refinamento do estilo acaba trazendo a melhoria da alma." (P. V., p. 119).

O poeta vai aperfeiçoando o ritmo, aperfeiçoando o instrumento de sua arte: "O ritmo é mais persuasivo do que qualquer idéia. Se assim não fosse para que serviriam os poetas?" (V. E., p. 53)

O poeta preocupa-se com a poesia, com a comunicação poética e no texto "Natureza", assim se exprime:

"A comunicação poética, no seu mais profundo sentido, não é acaso subliminar? Os poetas que dizem tudo acabam não dizendo nada. Porque a poesia não é apenas a verdade... É muito mais! A poesia é a invenção da Verdade." (V. E., p. 46)

Toda poética de Mário Quintana é vazada numa simplicidade de forma e de conteúdo, beleza natural das pessoas e das coisas.

Como é simples o texto e quanto tem de profundo, ao falar da "Vida":

"Só a poesia possui as coisas VIVAS. O resto é necrópsia." (V. E., p. 40)

Nesse peregrinar através da obra de Mário Quintana estudamos as diversas faces desta produção imensa de 40 anos de pessoa, vivida e sentida.

Poderemos terminar o esboço com o poema de **Esconderijos do tempo** — "O Poeta é belo:"

"O poeta é belo como Taj-Mahal  
feito de renda e mármore e serenidade  
O poeta é belo como o imprevisto perfil de uma árvore  
ao primeiro relâmpago da tempestade  
O poeta é belo porque os seus farrapos  
são do tecido da eternidade" (E. T., p. 115).

Mário Quintana é belo em sua poesia, ressumando dos livros de poema e de prosa, descobrindo sempre novos refolhos do mistério do homem, novos reflexos da Luz Eterna.

## BIBLIOGRAFIA

- FIGUEIREDO, Maria Virginia Poli de. **O Uni-verso de Quintana**. Chronos/UCS — EST — Caxias do Sul — RS, 1976.
- MARTINS, Cyro. **A Festa do Poeta**. Porto Alegre, Letras & Livros, 8 de agosto de 1981 (Suplemento do Correio do Povo).
- MOOG, Vienna. **Herói da Decadência, reflexões sobre humor**. Guanabara, 1934.
- PEIXOTO, Afrânio. **Humor: ensaio de breviário nacional do humorismo**. São Paulo, Nacional, 1936.

## Edições do Autor:

- QUINTANA, Mario. **Apontamentos de História Sobrenatural**. Porto Alegre, Globo, 1972.
- . **Poesias**. 2ª edição, Porto Alegre, Globo, 1972.
- . **Caderno H**. Porto Alegre, Globo, 1973.
- . **Prosa & Verso**. Porto Alegre, Globo, 1978.
- . **A Vaca e o hipogrifo**. 3 edição, Porto Alegre, Garatuja, 1979.
- . **Na Volta da Esquina**, Porto Alegre, RBS/Globo, 1979.
- . **Esconderijos do tempo**. Porto Alegre, L&PM, Porto Alegre, 1980.